

AI FOR AMERICANS FIRST

Cenários Prospectivos 2026–2030

Análise Geoestratégica e Econômica Integrada

CAPÍTULO V

Fabrice Pizzi

Universidade Sorbonne

Mestrado em Inteligência Econômica — Intelligence Warfare

75% do compute IA mundial = EUA | \$675B capex EUA 2026 | razão 7–12x EUA/UE

Paris — Fevereiro 2026

7 capítulos • 4 cenários prospectivos • 3 zonas geográficas

Palavras-chave: inteligência artificial, protecionismo tecnológico, semicondutores, controles de exportação, compute soberano, geopolítica da IA, França, Estados Unidos, China

CAPÍTULO V

Cenários Prospectivos 2026–2030

Este capítulo constitui o núcleo da contribuição original deste estudo. Ao aplicar o protocolo metodológico definido no Capítulo II (matriz 2×2, seis métricas de divergência, calibração do CACI), construímos quatro cenários de evolução da relação transatlântica em matéria de IA, energia e semicondutores para o período 2026–2030. Cada cenário é determinado pela combinação de duas incertezas críticas identificadas no Capítulo III: o grau de protecionismo americano e a capacidade de resposta estratégica europeia. Em seguida, avaliamos cada cenário em suas seis métricas, antes de sintetizar as condições de bascule entre trajetórias.

5.1 Os elementos predeterminados: o que não mudará

Em conformidade com o método de Schwartz (1991), distinguimos os elementos predeterminados (tendências quase certas no horizonte de 2030) das incertezas críticas (fatores cuja evolução depende de decisões políticas ainda não tomadas). Quatro elementos predeterminados estruturam todos os cenários.

EP1 — Crescimento exponencial da demanda de compute de IA. As vendas de semicondutores dobraram em dois anos (2023–2025), a potência instalada de chips de IA dobra a cada sete meses (Epoch AI), e nenhum sinal de desaceleração é observável em fevereiro de 2026. Mesmo sob a hipótese de desaceleração das leis de escala (“saturação de Chinchilla”), a difusão da IA para inferência, robótica e agentes autônomos manterá uma demanda de compute em forte alta.¹

EP2 — Concentração persistente do compute nos Estados Unidos. A razão EUA/UE de 15:1 em compute instalado (Capítulo III) reflete decisões de investimento tomadas em 2022–2025, cujos efeitos se materializam até 2028–2029 (prazos de construção de data centers: 18–36 meses). Mesmo uma reversão política imediata não alteraria o estoque instalado antes do final da década.

EP3 — Tensão energética crescente. O consumo mundial de data centers, estimado em 415 TWh em 2024, atingirá 800–950 TWh em 2030 segundo as projeções da AIE (Capítulo III). A assimetria dos custos energéticos (EUA 2–3× mais baratos que a UE) persistirá, salvo investimento maciço em energia nuclear europeia — cujos prazos de implantação (SMR: 5–7 anos para os primeiros reatores) ultrapassam o horizonte de 2030.²

EP4 — Quadro regulatório Seção 232 em vigor. A Proclamação 11002 de 14 de janeiro de 2026 é um fato consumado juridicamente. Diferentemente das tarifas IEEPA (invalidadas pela Suprema Corte em 20 de fevereiro de 2026³), as tarifas Seção 232 repousam sobre uma base legal confirmada. O relatório do secretário de Comércio sobre o mercado de semicondutores para data centers é esperado para 1º de julho de 2026, podendo recomendar uma ampliação ou modificação das tarifas. Independentemente da direção tomada, o instrumento legal permanecerá disponível.⁴

5.2 As incertezas críticas e a matriz 2×2

5.2.1 Eixo 1: Grau de protecionismo americano

A primeira incerteza diz respeito à evolução da política americana entre dois polos. O polo “moderado” corresponde à manutenção do status quo de janeiro de 2026: tarifa de 25% limitada aos chips avançados reexportados, amplas isenções domésticas, acordo comercial UE limitando as tarifas de semicondutores a 15%, e sem extensão significativa ao cloud ou aos modelos. O “núcleo” da UE (França, Alemanha) permanece na categoria de parceiros de confiança. O polo “agressivo” supõe uma ampliação após o relatório de julho de 2026: tarifas estendidas a semicondutores derivados e equipamentos, cotas de GPU para a UE (incluindo a França), condições restritivas de acesso ao cloud de IA de ponta, e uso do compute como alavancas de negociação comercial (“compute-for-concessions”).⁵

5.2.2 Eixo 2: Capacidade de resposta estratégica europeia

A segunda incerteza diz respeito à capacidade da UE de implantar uma resposta coerente e rápida. O polo “reativo” corresponde a uma fragmentação das respostas nacionais, investimentos dispersos, um AI Act gerando custos de conformidade adicionais e uma implantação lenta das AI Factories/Gigafactories (atrasos burocráticos, licenciamento de 24+ meses). O polo “proativo” supõe a implementação acelerada do programa AI Continent (19 AI Factories + até 5 Gigafactories de 100.000+ GPUs), a adoção de Special Compute Zones (licenciamento em 180 dias), a mobilização efetiva do fundo InvestAI (20 bilhões de euros) e a mutualização da capacidade nuclear francesa como vantagem competitiva.⁶

5.2.3 Matriz e denominação dos cenários

O cruzamento desses dois eixos produz quatro cenários:

		Resposta UE Reativa	Resposta UE Proativa
Protecionismo EUA Moderado	Cenário A “Status quo reforçado” Deriva lenta rumo à dependência	Cenário C “Parceria assimétrica” Parceiro tecnológico junior ocidental	
Protecionismo EUA Agressivo	Cenário B “Fratura digital” Desacoplamento europeu estrutural	Cenário D “Soberania contestada” Corrida pela autonomia sob pressão	

Tabela 10. Matriz 2×2 dos cenários prospectivos 2026–2030. Fonte: construção do autor, metodologia Schwartz (1991).

5.3 Cenário A — “Status quo reforçado” (Protecionismo moderado + UE reativa)

5.3.1 Narrativa

Após o relatório de julho de 2026, o secretário de Comércio recomenda manter a tarifa de 25% sobre chips avançados reexportados, mas não estende-la significativamente. O acordo comercial EUA-UE de agosto de 2025 é respeitado: as tarifas de semicondutores para a UE permanecem limitadas a 15%.⁷ A UE, tranquilizada por esse status quo, desacelera a implantação de suas próprias

iniciativas. As AI Factories EuroHPC lutam para atingir sua capacidade nominal (atrasos de licenciamento, coordenação interestadual). As Gigafactories são adiadas para 2029–2030. O fundo InvestAI é mobilizado parcialmente (8–10 bilhões de euros de 20). As empresas europeias continuam a depender fortemente do cloud americano, cujo desempenho e custos permanecem imbatíveis.

5.3.2 Trajetória das métricas

M1 — Razão de compute (GPUs instaladas EUA/UE): passa de 15:1 (2025) para 18–20:1 (2030). A defasagem se amplia ligeiramente, pois os investimentos americanos se aceleram (Stargate, mega-clusters xAI, Meta) enquanto a UE adiciona apenas as 19 AI Factories (25.000 GPUs máx. cada, ou seja, ~475.000 GPUs públicas, uma ordem de grandeza abaixo de um único hyperscaler americano).⁸

M2 — Defasagem de custo FLOP (UE/EUA): permanece na faixa de 2,4–3,2×. A ausência de tarifas agressivas sobre a UE mantém o acesso ao cloud americano a preços próximos dos níveis atuais, mas os custos energéticos europeus continuam a pesar.

M3 — Participação do cloud americano nos gastos europeus com IA: passa de 70% (2024) para 72–75% (2030). Os provedores europeus (OVHcloud, Deutsche Telekom) mantêm sua participação de 15% graças ao segmento de soberania, mas não progridem nos serviços de IA generativa.

M4 — Produtividade de IA (%/ano): EUA: +2,5–3,0%; UE: +1,0–1,5%. A UE realiza parte do potencial da IA via aplicações a jusante (SAP, Siemens, fintech), mas a adoção lenta e o déficit de compute limitam os ganhos.

M5 — Dependência energética (TWh data centers): UE: ~115 TWh (2030, ou seja, +65% vs 2024). A energia nuclear francesa absorve parte da demanda, mas a ausência de Special Compute Zones atrai a conexão de novos data centers à rede.

M6 — CACI(EUA)/CACI(UE): passa de 7–12:1 (2025) para 10–15:1 (2030). A defasagem se amplia moderadamente, pois o fator C(r) (compute) aumenta do lado americano enquanto os custos energéticos E(r) pesam do lado europeu.

5.3.3 Consequências para a França

Este cenário é o mais provável a curto prazo (probabilidade estimada: 40–50%). É também o mais insidioso: a ausência de um choque visível desmobiliza os atores europeus, enquanto a dependência se aprofunda estruturalmente. As empresas francesas se beneficiam do acesso ao cloud americano para adotar a IA (BNP Paribas, Airbus, TotalEnergies via AWS/Azure), mas essa adoção reforça o lock-in descrito no Capítulo IV. O déficit de produtividade de IA em relação aos Estados Unidos (−1,0 a −1,5 ponto por ano) se acumula ao longo de cinco anos, ampliando a defasagem de competitividade de 5 a 8 pontos de PIB.

5.4 Cenário B — “Fratura digital” (Protecionismo agressivo + UE reativa)

5.4.1 Narrativa

O relatório de julho de 2026 leva a uma ampliação significativa. O secretário de Comércio recomenda tarifas estendidas a equipamentos de semicondutores e produtos derivados, com um programa de compensação tarifária (tariff offset) reservado às empresas que investem na produção americana.⁹ O acordo da UE de 15% é revisado para cima, ou acompanhado de condições restritivas (cotas de volume sobre GPUs avançadas, exigências de reciprocidade sobre o AI Act). Paralelamente, o acesso ao cloud de IA de ponta é condicionado para entidades não americanas (limitações no acesso a APIs de modelos frontier, restrições sobre pesos). A UE, fragmentada, não consegue formular uma resposta coerente: os Estados-membros se dividem entre acomodação (países nórdicos, Países Baixos) e confronto (França, Itália).

5.4.2 Trajetória das métricas

M1 — Razão de compute: passa de 15:1 para 25–30:1 (2030). As cotas de GPU limitam as importações europeias no momento em que a demanda explode. Os projetos de AI Factories são comprometidos pela impossibilidade de adquirir GPUs Nvidia/AMD nos volumes previstos.

M2 — Defasagem de custo FLOP: salta para 4–6×. As tarifas ampliadas, combinadas com as cotas e a assimetria energética, encarecem massivamente o compute europeu. As empresas francesas enfrentam um sobrecusto de 3× a 5× para o treinamento de modelos.

M3 — Participação do cloud americano: paradoxalmente, sobe para 78–82%. Na falta de alternativa local credível, as empresas europeias que desejam acessar a IA de ponta devem passar pelos hyperscalers americanos, nas condições tarifárias por eles ditadas. Os serviços soberanos (OVHcloud, Scaleway) não dispõem do hardware para oferecer serviços de IA generativa competitivos.

M4 — Produtividade de IA: EUA: +2,5–3,5%; UE: +0,3–0,8%. O potencial de IA europeu é severamente restringido. O McKinsey Global Institute estima que, com adoção lenta, a produtividade europeia não ultrapassaria 0,3% — próximo da estagnação.¹⁰

M5 — Dependência energética: UE: ~95 TWh apenas (2030), não por virtude, mas por ausência — a falta de GPUs limita a construção de data centers. Ironicamente, a restrição de compute atenua a restrição energética.

M6 — Razão CACI: explode para 20–35:1 (2030). É o cenário em que a defasagem é maior, com os três fatores do CACI se deteriorando simultaneamente do lado europeu: C(r) limitado pelas cotas, E(r) encarecido pelas tarifas, L(r) enfraquecido pela fuga acelerada de cérebros para os Estados Unidos.

5.4.3 Consequências para a França

Este cenário (probabilidade estimada: 15–20%) representa o pior caso. A França sofre um desacoplamento tecnológico estrutural: os projetos intensivos em compute (modelos de fundação Mistral, robótica Comau/Exotec, simulações Dassault) são deslocados para os Estados Unidos ou dependem de um acesso ao cloud americano cada vez mais caro. O time-to-market das soluções de IA francesas se estende de 25 a 40%. As PMEs industriais, incapazes de absorver os sobrecustos, renunciam à IA de ponta e optam por soluções degradadas (modelos open-source

menores, inferência local). A defasagem acumulada de produtividade com os Estados Unidos atinge 10 a 15 pontos em cinco anos.

5.5 Cenário C — “Parceria assimétrica” (Protecionismo moderado + UE proativa)

5.5.1 Narrativa

O protecionismo americano permanece moderado (como em A), mas a UE aproveita essa janela para acelerar seus próprios investimentos. As AI Factories são implantadas dentro do prazo (2026–2027), as primeiras Gigafactories de 100.000+ GPUs são encomendadas no final de 2026 e entregues em 2028.¹¹ A França desempenha um papel central graças ao seu parque nuclear (65–70% do mix elétrico, custo marginal competitivo), e Special Compute Zones são designadas em antigos terrenos industriais com conexões de rede pesadas.¹² Entretanto, a UE aceita de facto um status de parceiro tecnológico junior: utiliza GPUs Nvidia/AMD (sem campeão europeu na concepção de ASICs de IA), depende das foundries TSMC/Samsung/Intel para a produção, e seus modelos de fundação permanecem um degrau abaixo dos líderes americanos.

5.5.2 Trajetória das métricas

M1 — Razão de compute: reduz de 15:1 (2025) para 8–10:1 (2030). As Gigafactories e o investimento privado (InvestAI + coinvestimentos industriais) adicionam 1–2 milhões de GPUs equivalentes na Europa, reduzindo a defasagem sem eliminá-la.

M2 — Defasagem de custo FLOP: reduz para 1,5–2,0×. A energia nuclear francesa e as economias de escala das Gigafactories comprimem os custos energéticos e de infraestrutura, embora uma defasagem residual persista (ausência de design de GPU próprio).

M3 — Participação do cloud americano: diminui ligeiramente para 60–65%. Os serviços soberanos europeus ganham participação de mercado nos segmentos regulados (defesa, saúde, finanças), enquanto o cloud americano mantém a maioria das cargas de trabalho comerciais. O mercado se segmenta em “soberano” e “performance”.

M4 — Produtividade de IA: EUA: +2,5–3,0%; UE: +1,8–2,5%. A UE atinge 60–80% do potencial teórico graças a um compute local suficiente para a adoção em larga escala de aplicações a jusante, mesmo que o treinamento de modelos frontier permaneça dependente do hardware americano.

M5 — Energia: UE: ~140 TWh (2030). A demanda é maior que em A porque o compute europeu aumenta, mas a energia nuclear e os SMRs programados absorvem a maior parte. A RTE France confirma a viabilidade de +10 GW sob reserva de investimentos na rede.

M6 — Razão CACI: reduz para 4–7:1 (2030). É o cenário mais favorável alcançável de forma realista no horizonte de 2030. O fator C(r) melhora significativamente, E(r) se beneficia da energia nuclear, mas L(r) permanece ligeiramente inferior (ecossistema de IA americano mais atrativo para talentos de ponta).

5.5.3 Consequências para a França

Este cenário (probabilidade estimada: 15–20%) é o mais favorável para a França a curto-médio prazo. A França se torna o hub energético de IA da UE graças à sua energia nuclear, atraindo investimentos em data centers e Gigafactories. As empresas francesas acessam um compute local competitivo para inferência e fine-tuning, reduzindo a dependência do cloud americano para casos de uso padrão. A Mistral e as startups francesas podem treinar modelos especializados localmente. Entretanto, o treinamento de modelos frontier permanece dependente do hardware americano, e a autonomia estratégica é parcial: a França é soberana na aplicação, mas não na criação das tecnologias de base.

5.6 Cenário D — “Soberania contestada” (Protecionismo agressivo + UE proativa)

5.6.1 Narrativa

O protecionismo americano se intensifica (como em B), mas a UE reage com determinação. A ameaça americana se torna o catalisador político de uma mobilização industrial europeia sem precedentes desde o projeto AIRBUS dos anos 1970. O programa AI Continent é acelerado e ampliado: as 5 Gigafactories são encomendadas com urgência, a França anuncia 20 GW de capacidade nuclear dedicada a data centers de IA até 2032 (combinando extensão do parque existente e SMRs), o projeto DARE (RISC-V europeu) é escalado para projetar aceleradores de IA reduzindo a dependência da Nvidia.¹³ Paralelamente, a UE negocia alianças tecnológicas alternativas (Japão, Coreia do Sul, Taiwan) para assegurar o fornecimento de GPUs e foundries.

5.6.2 Trajetória das métricas

M1 — Razão de compute: evolui de 15:1 (2025) para 10–15:1 (2030). A UE investe massivamente, mas parte de muito longe. As cotas americanas freiam as importações, mas as alianças alternativas e a produção local (Gigafactories usando GPUs Samsung/Intel como alternativas à Nvidia) compensam parcialmente.

M2 — Defasagem de custo FLOP: 2,5–4,0× inicialmente (2027, pico do choque tarifário), depois redução progressiva para 1,8–2,5× (2030) à medida que as Gigafactories aumentam sua capacidade e as alternativas de GPU amadurecem.

M3 — Participação do cloud americano: diminui para 50–55% (2030), o recuo mais pronunciado dos quatro cenários. A desconfiança geopolítica e as restrições americanas empurram as empresas europeias para alternativas soberanas, mesmo imperfeitas. Os hyperscalers americanos perdem terreno nos segmentos regulados.

M4 — Produtividade de IA: EUA: +2,5–3,5%; UE: +1,2–2,0%. A UE sofre um vale de produtividade em 2027–2028 (período de transição em que as restrições americanas mordem, mas os investimentos europeus ainda não estão operacionais), seguido de uma recuperação parcial a partir de 2029.

M5 — Energia: UE: ~150–160 TWh (2030). É o cenário mais intensivo em energia para a UE, pois a construção maciça de data centers locais cria uma demanda enorme. A energia nuclear francesa se torna um ativo estratégico continental, mas a pressão sobre a rede é máxima.

M6 — Razão CACI: segue uma trajetória em U: degradação para 15–20:1 em 2027–2028 (choque), depois melhoria para 8–12:1 em 2030. O resultado depende fortemente da velocidade de execução europeia: cada ano de atraso nas Gigafactories prolonga o período de vulnerabilidade máxima.

5.6.3 Consequências para a França

Este cenário (probabilidade estimada: 15–20%) é o mais ambicioso e o mais arriscado. Coloca a França no coração de um esforço de soberania tecnológica europeu inédito. Os investimentos nucleares maciços (SMR, extensão do parque) tornam-se uma questão geopolítica de primeira ordem. O projeto DARE/RISC-V poderia, se bem-sucedido, constituir a primeira alternativa europeia credível às GPUs Nvidia para IA — mas num horizonte de 5–7 anos, bem além de 2030. A curto prazo (2026–2028), a França atravessa um período de vulnerabilidade máxima onde sobrecustos e escassez degradam a competitividade, antes de uma recuperação condicionada à velocidade de implantação das infraestruturas.

5.7 Síntese comparativa e condições de bascule

5.7.1 Tabela sintética das métricas

Métrica (2030)	A — Status quo	B — Fratura	C — Parceria	D — Soberania
M1 Razão compute EUA/UE	18–20:1	25–30:1	8–10:1	8–12:1
M2 Defasagem custo FLOP	2,4–3,2×	4–6×	1,5–2,0×	1,8–2,5×
M3 Particip. cloud EUA (%)	72–75	78–82	60–65	50–55
M4 Produtividade UE (%/ano)	+1,0–1,5	+0,3–0,8	+1,8–2,5	+1,2–2,0
M5 Energia UE (TWh)	~115	~95	~140	~155
M6 Razão CACI	10–15:1	20–35:1	4–7:1	8–12:1
Probabilidade estimada	40–50%	15–20%	15–20%	15–20%

Tabela 11. Síntese comparativa dos quatro cenários nas seis métricas de divergência. Fonte: construção do autor.

[Gráfico G5]
Trajetórias do CACI(EUA)/CACI(UE) 2025–2030 por cenário (4 curvas)

5.7.2 Condições de bascule entre cenários

A trajetória real seguirá provavelmente um caminho híbrido entre esses cenários. Três pontos de bascule determinam as transições possíveis.

Primeiro ponto de bascule: o relatório do Comércio de julho de 2026. Esse relatório determinará se o protecionismo americano se amplia (bascule para B ou D) ou permanece direcionado (manutenção em A ou C). Os indicadores a monitorar incluem: a evolução do déficit comercial americano em semicondutores, a taxa de ocupação das fabs do CHIPS Act (Intel, TSMC Arizona, Samsung Taylor) e a pressão política interna (eleições de meio de mandato de 2026). O resultado das negociações da Fase 1 (relatório previsto para 14 de abril de 2026) constituirá um sinal precoce.¹⁴

Segundo ponto de bascule: a velocidade de implantação das Gigafactories da UE. A Comissão prevê as primeiras Gigafactories operacionais em 2027–2028. Se esse cronograma for cumprido, a UE bascule para os cenários proativos (C ou D). Se os atrasos de licenciamento, financiamento ou aquisição de hardware adiarem as entregas para 2029–2030, a UE permanece em modo reativo (A ou B). A proposta do CFG de Special Compute Zones (licenciamento em 180 dias vs. 24+ meses atuais) é o fator acelerador-chave.¹⁵

Terceiro ponto de bascule: a decisão francesa sobre nuclear para IA. A França possui um ativo único na Europa: um parque nuclear fornecendo 65–70% da eletricidade, com custo marginal competitivo globalmente. A decisão de dedicar capacidade significativa (10–20 GW) a data centers de IA, através de extensão do parque, novos EPR2 e SMRs, determinará se a França se torna o hub energético de IA da Europa ou cede essa posição a outros (Escandinávia com energia hidrelétrica, Leste Europeu com custos fundiários baixos). Este ponto de bascule é propriamente francês e determina a posição da França dentro dos cenários europeus.¹⁶

5.7.3 O ponto de convergência: 2028

Os quatro cenários convergem para um ponto crítico comum em 2028. É o ano em que: (i) a demanda de compute ultrapassará a capacidade instalada na Europa, criando gargalos materiais (mesmo sob protecionismo moderado); (ii) os primeiros efeitos das tarifas ampliadas (se adotadas) serão plenamente sentidos; (iii) as Gigafactories, se implantadas a tempo, começarão a produzir compute local significativo; (iv) a demanda energética dos data centers saturará as capacidades de conexão à rede em vários Estados-membros. O ano de 2028 constitui, portanto, o momento da verdade em que a Europa descobrirá se se encontra na trajetória A/B (dependência crescente) ou C/D (recuperação iniciada). As decisões tomadas em 2026–2027 — relatório do Comércio americano, Gigafactories, nuclear francês — estarão irreversivelmente comprometidas.

[Gráfico G6]
Cronologia dos pontos de bascule 2026–2030 e janelas decisionais

Notas

¹ Epoch AI (janeiro 2026), “Trends in AI Hardware and Compute.” A duplicação a cada 7 meses da produção de chips de IA combina 1,6×/ano em quantidade e 1,6×/ano em desempenho por chip. Mesmo uma desaceleração para 12 meses implicaria uma quadruplicação até 2030.

² AIE (abril 2025), Energy and AI, Paris. As projeções de 800–950 TWh correspondem aos cenários médio e alto da AIE, com o limite inferior da faixa supondo uma desaceleração na adoção de IA.

³ Suprema Corte dos Estados Unidos (20 de fevereiro de 2026), Learning Resources Inc. v. Trump e V.O.S. Selections v. United States, decisão 6-3: “IEEPA does not authorize the President to impose tariffs.” Ver Tax Foundation (2026), Tariff Tracker.

⁴ Casa Branca (14 de janeiro de 2026), Proclamação 11002, seção (2): “By July 1, 2026, the Secretary shall provide me with an update on the market for semiconductors that are used in United States data centers, so that the President may determine whether it is appropriate to modify the tariff.”

⁵ Tax Foundation (fevereiro 2026), op. cit. O acordo EUA-UE (agosto 2025) limita as tarifas de semicondutores a 15% para a UE, mas a Proclamação 11002 prevê explicitamente “tarifas mais amplas” possíveis após a Fase 1. O polo “agressivo” supõe uma ruptura desse acordo.

⁶ Comissão Europeia (2025), AI Continent Action Plan. Objetivo: triplicar a capacidade de data centers da UE em 5–7 anos. 19 AI Factories selecionadas, até 5 Gigafactories (100.000+ GPUs cada) previstas. Fundo InvestAI: 20 bilhões de euros para catalisar investimento privado. CFG (outubro 2025), “Special Compute Zones”: licenciamento em 180 dias, zonas industriais reconvertidas.

⁷ Tax Foundation (fevereiro 2026), op. cit. O acordo EUA-UE de agosto de 2025 inclui um teto de 15% nas tarifas de semicondutores para a UE, redução das tarifas automotivas de 27,5% para 15% e isenções setoriais negociadas.

⁸ EuroHPC JU (2025). As 19 AI Factories planejam até 25.000 GPUs cada (sites padrão). Mesmo em plena capacidade, isso representa ~475.000 GPUs, menos que o cluster xAI Colossus sozinho (200.000 GPUs H100, expansível). Segler Consulting (junho 2025) estima a capacidade pública total da UE em ~57.000 aceleradores em 2025.

⁹ Proclamação 11002, seção sobre o programa de compensação tarifária: “a tariff offset program to incentivize domestic manufacturing as previously announced.” Snell & Wilmer (fevereiro 2026), “The Continued Utilization of Tariffs to Control the Semiconductor Industry.”

¹⁰ McKinsey Global Institute (maio 2024), op. cit. O valor de 0,3% corresponde ao cenário “slow adoption”, próximo do nível atual de crescimento da produtividade na Europa Ocidental.

¹¹ Conselho da UE (dezembro 2025), adoção da posição sobre o regulamento alterado para as AI Gigafactories. O cronograma provisório situa as primeiras licitações no final de 2025 e as primeiras instalações operacionais em 2027–2028.

¹² CFG (outubro 2025), “Tripling the EU’s Data Centre Stock with Special AI Compute Zones.” A proposta preconiza a reutilização de terrenos industriais desativados (antigas centrais a carvão) com conexões de rede pesadas, como na Grécia (antigas minas de linhita reconvertidas).

¹³ EuroHPC JU (março 2025), projeto DARE (Digital Autonomy with RISC-V in Europe), programa de 6 anos para desenvolver circuitos integrados baseados no processador RISC-V. Três projetos de processadores por empresas distintas.

¹⁴ Proclamação 11002, seção (2): o secretário de Comércio e o USTR devem fornecer um relatório sobre o estado das negociações em 90 dias, ou seja, 14 de abril de 2026. Pillsbury Law (janeiro 2026), “Trump Admin Targets Advanced AI Semiconductors, Defers Broader Tariffs.”

¹⁵ CFG (outubro 2025), op. cit. O prazo médio de licenciamento para um data center na UE é atualmente de 24+ meses (contra 6–12 meses nos Estados Unidos). A proposta SCZ reduziria esse prazo para 180 dias via um processo de “janela única”.

¹⁶ RTE (2024), Futurs énergétiques 2050, cenário “N03.” A França prevê +10 GW de demanda para data centers até 2030. A vantagem nuclear francesa (65–70% do mix) é única na Europa e representa o principal fator diferenciador competitivo para atrair investimentos em IA.

Licença e Aviso Legal

Este trabalho, “America-First-IA”, é disponibilizado sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição - NãoComercial - Compartilhável 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

Você é livre para compartilhar e adaptar o material para fins não comerciais, desde que credite adequadamente Fabrice Pizzi (Universidade Paris Sorbonne) e distribua suas contribuições sob a mesma licença. Este documento é fornecido apenas para fins educacionais e de pesquisa.